

## PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

- REGO, Luís do. *Obra Poética*. 1995, 370p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33  
Caixa Postal 1429  
90619-900 PORTO ALEGRE - RS  
BRASIL  
FONE/FAX: (051) 339-1511 Ramal: 3323

# Os zumbis povoam o imaginário haitiano

(a propósito de *Adriana em todos os meus sonhos*  
de René Depestre, Nova Fronteira, 1996)

ZILÁ BERND

UFERS

## 1 – O MITO DO ZUMBI NA LITERATURA FRANCÓFONA DO CARIBE

Nas literaturas de língua francesa do Caribe (Martinica, Guadeloupe e Haiti), os autores vem se apropriando, desde o boom do Realismo Maravilhoso latino-americano, do mito do zumbi que constrói-se a partir da noção de *metamorfose*.

*Zumbi* (do termo “kongo nzambi”, significando “fantasma”, “revenant”) 1. No Haiti, indivíduo a quem foi administrada uma droga que induz a um estado próximo ao da morte, e que um feitiçeiro vodou exuma para colocá-lo a seu serviço. 2. Familiar: pessoa com ar ausente, amorfo.

O processo de zumbificação equivale a uma condenação: existiria no Haiti o costume de desenterrar as pessoas para transformá-las em zumbis que se tornam escravos de quem os zumbifica. O zumbi, segundo Hurbon,<sup>1</sup> é um indivíduo mantido em estado letárgico. Após sua morte, é retirado do cemitério, passando a trabalhar como um escravo para seu proprietário nos campos de cana ou em outros trabalhos. Alguns relatos dão conta de que às vezes pode ocorrer que saiam do estado cataléptico e de total submissão a seus amos, que voltem ao lugar onde estão suas tumbas, que escavem e regressem definitivamente ao reino dos mor-

<sup>1</sup> HURBON, L. *El barbaño imaginario*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993 (edição francesa de 1987)

tos. Pode-se acreditar que os zumbis sejam almas penadas, ou seja, aqueles que voltam da morte, ou que sejam apenas doentes mentais que o imaginário popular, em uma sociedade de cultura predominantemente oral, toma por zumbis.

A interpretação literária de Maximilien Laroche<sup>1</sup> remete aos zumbis como personagens reduzidos ao estado de escravos. "Diz-se morto-vivo e isso indica a posição ontológica do personagem que oscila entre a vida e a morte, que se encontra, em consequência, em uma verdadeira terra-de-ninguém onde não se sabe mais se é um ser vivo, logo uma pessoa de direito, ou um morto, logo uma não pessoa, um puro e simples objeto". Na verdade, Laroche vê no mito de zumbi a representação concreta do paradoxo da situação dos haitianos: o zumbi é um morto que vive e é utilizado como força de trabalho, isto é, explorado, mais ou menos como os haitianos se sentem, tendo conquistado sua independência em 1804, mas tendo continuado em situação de dominados e subdesenvolvidos.

## 2 – O MITO DO ZUMBI EM ADRIANA EM TODOS OS MEUS SONHOS, DE RENÉ DEPESTRE

Vários romances haitianos contemporâneos como *Adriana em todos os meus sonhos* (Nova Fronteira, 1996), de René Depestre, traduzido do original francês *Hadriana dans tous mes rêves* (1988), *Zombi blues* (1996), de Stanley Péan e *Pays sans chapeau* (1996) de Dany Laferrière, reutilizam este velho mito inserindo-o em sua produção literária. Vejamos de que modo a figura do zumbi é utilizada no corpus haitiano.

Em *Adriana em todos os meus sonhos*, René Depestre, poeta, ficcionista e ensaísta haitiano, radicado atualmente no sul da França, reutiliza a figura do zumbi. No caso o zumbi é a própria heroína, Adriana, que cai morta no dia de seu casamento; é enterrada em grande pompa e ressuscita sob a forma de zumbi, uma das formas míticas do destino dos haitianos. "Em torno deste tema ligado aos mitos da escravidão e da colonização, símbolo da ambigüidade do real maravilhoso nas culturas do Caribe, o humor e a imaginação do contista se soltam para iluminar a vivência haitiana em sua

<sup>1</sup> LAROCHE, M. Le mythe du zombi: nouvelle interprétation. In *Traduction et modernité dans les littératures francophones d'Afrique et d'Amérique*. Québec: Grelca/Univ. Laval, 1988.

fantasia, sua sensualidade, seu surrealismo, sua desordem sempre alucinante..."

O romance estrutura-se em três movimentos: o primeiro narra o episódio do casamento, a morte e a "evaporação" de Adriana Siloé; o segundo, corresponde a uma espécie de ensaio, corpo estranho no interior do romance, onde o autor desenvolve uma série de proposições relativas ao processo de zumbificação; o terceiro e último retoma a narrativa dos fatos transcorridos no primeiro movimento, agora a partir do ponto de vista da morta transformada em zumbi (Adriana).

Temos aqui uma obra que apresenta diferentes níveis de hibridação:

- inserção de um mito de extração oral e popular em uma montagem erudita, o romance;
- cruzamento de magia (imaginário vodú) e racionalidade (ensaio do narrador);
- imbricação de várias vozes narrativas (o narrador, o ensaísta, a zumbi) e de diferentes gêneros (romance, ensaio, reprodução de uma carta publicada no *Le Monde* e transcrita na íntegra, trechos de entrevistas imaginárias, etc.).

No capítulo ironicamente intitulado "Prolegômenos a um ensaio sem amanhã", o autor estende a condição de zumbi, logo de morto-vivo, a todo o país, o Haiti:

"Mon pays ne serait-il pas un zombi collectif?" (*Adriana*, p. 125) (Meu país não seria um zumbi coletivo?)

Entre as nove proposições que constituem sua tentativa de compreender o fenômeno da zumbificação e que interrompem o fluxo da narrativa, pois constituem o segundo movimento do romance, encontram-se tentativas de apontar as raízes do pensamento mágico, na própria Europa, desfazendo assim o estereótipo que associa feitiçaria e primitivismo como características de negros oriundos da África. Assim, Depestre aponta a presença de magia e feitiçaria na corte de Henrique IV, bem como em outros países da Europa, da Ásia, do Japão, enfim de quase todo o planeta.

A estes feiticeiros das diferentes partes do globo, foi sempre atribuído o poder de metamorfosear seus adversários em animais (lobisomem, borboleta, lagarto, etc.) com a finalidade de apoderar-se de sua força vital. Com isto, os ditos feiticeiros aumentavam sua influência na sociedade.

O destino do zumbi (de quem é retirada a alma, "petit bon ange"), corresponderia, em escala mítica, ao dos africanos deportados para as Américas como escravos. Desta forma, a "noção de

<sup>2</sup> Texto extraído da quarta capa da edição Gallimard de 1988.

zumbi seria uma das armadilhas da história colonial", na medida em que os escravos teriam interiorizado, a ponto de transformá-la em mito, a condição de morto-vivo a que fica relegado o ser humano submetido à escravidão.

O mito do zumbi estaria também a simbolizar, segundo Depeste, os processos de reificação do homem, sob regimes políticos injustos. Zumbi corresponderia a uma espécie de sub-negro em uma sociedade com fraco coeficiente de direito e de liberdade.

Na origem do mito do zumbi está a metamorfose. Na mitologia grega, eram os deuses que possuíam a capacidade de metamorfosear-se para fins de punição, ciúme ou sedução. Já na Renascença, a acusação de que determinado indivíduo possuía a faculdade de transformar-se em outro, constituía motivo de condenação pela Inquisição. Na verdade, estes monstros em que se transformam os seres que estão sob o fado, representam a violência, o estranho, em suma, os medos do ser humano. De onde o empenho em eliminá-los, pois a sua eliminação corresponde ao reestabelecimento da harmonia e da ordem originais. Expressando a ambigüidade humana, estes seres híbridos constituem-se em bodes expiatórios da comunidade que - ao eliminá-los - exorciza os seus medos perante o estranho e o desconhecido.

Este mito povoa o imaginário de escritores que, no Caribe, em tempos de pós-modernidade, o reutilizam em seus textos, instaurando - através deste recurso insólito - um salutar contraponto dialógico.

Procedimentos de reutilização de vestígios culturais (*trace*) em circulação na tradição popular, de reutilização portanto do *menor* (no sentido de Guy Scarpetta) em montagem *maior* (formas literárias canonizadas como o romance), constituem-se em pólos de convergência entre as literaturas das Américas. Os dispositivos de apropriação de materiais díspares se efetuam de modo que os diferentes aportes se intervalorizem numa ordenação nova, porém respeitosa do Diverso. Sem visar à homogeneização, que anula ou minimiza a Diferença, a escritura praticada por Depeste preserva a alteridade, oportunizando o trânsito entre duas lógicas que interagem sem se antagonizar.

O que o autor visa não é a construção de uma escritura pasteurizada e previsível, ou a inscrição de formas e sentidos populares pelo mero gosto de produzir efeitos de exotismo. No bojo de seu projeto de escritura está a elaboração de uma identidade americana crioulezada ou híbrida, alicerçada no reconhecimento do outro e estruturada com base na não-hierarquização das diferenças.

Assim, duas lógicas ou duas visões do mundo (racionalidade x magia; logos x mitos) são apresentadas de forma não-contraditória, abalando certezas e preferindo proporcionar ao leitor "efeitos de verdade", uma vez que não existe uma forma única de explicar e compreender as Américas.

## PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

- **MUNDO JOVEM**  
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**  
Boletim informativo - *mensal*
- **VERITAS**  
Revista de estudos de Filosofia e Ciências Humanas - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**  
Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa - *Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**  
Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**  
Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **ANÁLISE**  
Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**  
Revista do Instituto de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**  
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS, Brown University e Editora Mercado Aberto - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**  
*Semestral*
- **EDUCAÇÃO**  
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Semestral*
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**  
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **HÍFEN**  
Revista do Campus II/PUCRS/ Uruguaiana - *Semestral*
- **ODONTOCIÊNCIA**  
Revista da Faculdade de Odontologia- *Semestral*
- **PSICO**  
Revista especializada em Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA DA FAMECOS**  
Revista da Faculdade dos Meios de Comunicação Social - *Semestral*
- **DIREITO & JUSTIÇA**  
Revista da Faculdade de Direito - *Sem Periodicidade*
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**  
*Irregular*